

Dan conhecimento ao Cda da Comissão Política

4.6.83

Luciano

Uma surpresa: A Associação dos Jovens Escritores Caboverdianos

Há muitos anos já, ainda estávamos sob a dominação colonial dos portugueses, o escritor Luiz Romano, defendia no exílio amargo, a necessidade de criar uma Associação de Escritores Caboverdianos. A posição do romancista era clara: dada a dispersão imposta aos escritores caboverdianos pelo colonialismo-fascista, podia-se do exterior chegar-se a uma autonomia profunda, se houvesse uma organização capaz de tornar operatório e autónomo o trabalho criador de cada um desses escritores. Veio a Independência, sonhámos vê-la então nascer imediatamente na TERRA MAE, mas desgrazadamente esta proposta nunca encontrou o eco necessário e continuamos sem essa Associação indispensável.

Qual não foi a nossa surpresa quando, há tempos já, lemos neste jornal e no «Voz di Povo» que um grupo de jovens se tinha reunido em São Vicente, para se proceder à criação de uma Associação de Jovens Escritores Caboverdianos. O acto pareceu-nos suficientemente insólito para exigir a intervenção dos nossos escritores residentes em Cabo Verde: António Aurélio Gonçalves, Baltazar Lopes, ou ainda do próprio Luiz Romano ou do Ovídio Martins. Também do exterior esperávamos a reacção do Manuel Lopes, Gabriel Mariano, Teixeira de Sousa, Teobaldo Virgínio, ou ainda do Onésimo Silveira ou Felisberto Vieira Lopes (Kaoberdiano Dambara). Como ninguém quiz ou pôde intervir, desde a falta de tempo ao comodismo e ao medo, eis a razão que nos leva a marcar a nossa posição perante este acto insólito. Se atrazo há, na intervenção, ela explica-se pela necessidade, e pela elegância, de dar a palavra a escritores mais autorizados.

Comecemos pelo mais singular: a criação duma Associação de Jovens Escritores, quando não existe uma Associação de Escritores que pudesse fecundá-los. A sua denominação, sugere-nos imediatamente perguntar: Será que não há escritores caboverdianos ou devemos deduzir que os responsáveis pela cultura a nível do Estado decidiram separar-se desses escritores? E no caso de ser assim, porque razão: são eles maus escritores? Decidiu o Estado propôr uma nova maneira de treinar os escritores? Haverá outros projectos estéticos?

Na ausência duma política cultural coerente, ou pelo menos dinâmica, para que serve uma Associação de Jovens Escritores, se, sob esta designação, estiveram apenas reunidos os jovens ainda sem experiência tanto da criação, como da comunicação e da publicação? Anunciou-se antecipadamente, a presença de Arnaldo França, que não esteve, por estar talvez preocupado em justificar perante os leitores e os contribuintes, do silêncio da Revista «Raízes» que oficialmente dirige. O Osvaldo Osório, substituiu-o, nessa missão pouco nobre de apoiar oficialmente essa iniciativa singular. Bem sabemos, que se pode ser jovem até a morte, mas o escritor Osvaldo Osório, um senhor de 45 anos, não abandonou a sala pelos mesmos motivos que as delegações de jovens escritores (?) das outras ilhas, (devia ter sido pelas angústias comuns que nos invade a todos nesta hora, por não trabalhar numa Associação de Escritores Caboverdianos, que deveria integrar os jovens que provassem talento literário).

Não serão as peripécias mínimas que envolveu a criação da Associação que nos interessa fundamentalmente. Entretanto a posição dos jovens Mindelenses merece o nosso aplauso, porque não podemos conceber a criação literária submetida às regras imperativas do aparelho do Partido ou do Estado. Ora, não há dúvidas que todos desejamos que haja muitos escritores, cada vez mais futuros escritores caboverdianos, mas gostaríamos de saber o que se fará dos actuais, que continuam prestigiando as nossas letras em Cabo Verde e no estrangeiro. Os romances de Manuel Lopes conhecem um sucesso extraordinário no Brasil e mesmo nos países de Leste enquanto que «Chiquinho» de Baltazar Lopes, será publicado em breve em Paris.

Terão estes jovens escritores (?), problemas e projectos que os separam dos demais escritores, os velhos? Quais são as possibilidades materiais ou outras que lhes são propostas para poder escrever, para poder publicar, para poder contactar com os leitores, tanto em Cabo Verde como na emigração? Estará o Estado disposto a fornecer-lhes uma plataforma mínima de identificação, o que allás nega aos verdadeiros escritores? Como não sentir dores, revoltar, ao desfolhar as páginas dos livros, revistas e jornais das Associações de Escritores de Angola, publicando sob as bombas criminosas da Africa do Sul, e Moçambique, de cujas literaturas nada temos a invejar. Angola possui também a União dos Artistas Plásticos, tendo o seu coordenador, Victor Teixeira, exposto os seus trabalhos em Lisboa e Paris.

Existe um projecto de criação duma literatura de Partido ou simplesmente uma tentativa mais limitada de desacreditar os escritores que até hoje honraram as nossas letras? A literatura caboverdiana, foi uma das vítimas do facto colonial-fascista português e a escassa produção dos nossos autores explica-se largamente pelas condições que lhes foram impostas. Não só pela Censura, mas também pela dificuldade de obter condições materiais, não só de escrita, mas mais simplesmente de impressão. Alguns conseguiram, através dum esforço gigantesco, se distinguir: Baltazar Lopes, Manuel Lopes, Aurélio Gonçalves, Luiz Romano, Teobaldo Virgínio, Gabriel Mariano, Teixeira de Sousa, Onésimo Silveira, e, acima de todos, o poeta Jorge Barbosa, que da sua ilha amargosa denunciou, mesmo antes dos Chineses, a hipocrisia dos dois Super-Grandes. Refiro-me ao poema «CRIANÇAS», pouco divulgado e que deveria fazer parte de todos os compêndios escolares de Cabo Verde. Não me faltou encontrar em Agosto deste ano em Cabo Verde, em S. Vicente e Praia, escritores lamentando o desinteresse do Ministério de Educação e Cultura pelos manuscritos que ali tem depositado há muitos meses ou anos. Num momento crucial da vida cultural caboverdiana, restringem-se as actividades culturais, mas em nome de quê?

Mas este facto também suscita comentários e abundantes: será que o aparelho do Estado impede a organização das publicações caboverdianas? O realismo político parece mais importante do que a realidade da criação literária ou artística. As vezes, em revolta, até surge-nos a figura dum homem que fortemente criticamos, o Dr. Bento Levy, que durante anos, conseguiu manter mensalmente uma publicação, o Boletim de Cabo Verde, onde colaboraram de Baltazar Lopes a Amílcar Lopes Cabral, de Onésimo Silveira a Arménio Vieira. Na falta duma revista cultural, hoje todos se lançam na leitura do boletim de Cabo Verde, dirigida por esse modesto caboverdiano, ideologicamente perturbado, mas de cuja utilidade ninguém põe em dúvida.

Parece existir hoje algumas dúvidas quanto à homologação ou não, dessa Associação de Jovens Escritores. Convém todavia não nos iludir e impõe-se a radicalização: se aceitarmos uma Associação de Jovens Escritores, sem que a Associação dos Escritores Caboverdianos seja criada, para representar a cultura caboverdiana, cometemos um erro e uma má acção. Erro porque esses jovens escritores (?) ainda não escreveram coisa que valha a pena de merecer o título de escritores, e uma má acção, porque, naivamente, eliminarem os autênticos escritores caboverdianos.

Ninguém tem o direito, mesmo se muito jovem, de separar os escritores, conforme as classes de idade: todos são escritores, quando escrevem. Ninguém tem o direito, mesmo se muito jovem, de usar o título de escritor, se não escreveu coisa alguma. Porque repare-se ainda, ninguém explicou os critérios que presidiram a selecção destes jovens «escritores»: foi por já terem escrito, ou porque *prometeram* vir a escrever? O comunicado da delegação do Sal provocou-nos uma enorme tristeza e não a comentaremos...

Ninguém tem o direito de arruinar as nossas esperanças literárias, que pertencem aos jovens e não jovens, quer sejam escritores, quer nunca venham a sê-lo. Todo o caboverdiano, vivendo em Cabo Verde ou no exílio, tem o direito de se consagrar livremente ao estudo dos fenómenos sociais, económicos, políticos e culturais de Cabo Verde.

Ninguém pode ser excluído dessa aventura sentimental, a não ser aqueles que agem directa ou indirectamente contra as esperanças do nosso povo ou que desviam os bens do povo, para fins pessoais. E é preciso lembrar que, as colónias de emigrantes dispersas pelo mundo, são outras ilhas mais ao largo, e que não se pode excluir os emigrantes de participar em qualquer debate sobre o destino desse Arquipelago tão nosso, sob pena de amputar Cabo Verde, desses filhos, que não somente assumem a missão de enviar divisas, mas também de criar e divulgar a nossa cultura no e pelo mundo. Nós, Caboverdianos emigrantes, só podemos reconhecer-nos na igualdade dos direitos e obrigações.

Caboverdianamente,

LUIZ SILVA